O USO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

THE USE OF MUSIC IN SCHOOL EDUCATION OF PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

EL USO DE LA MÚSICA EN LA EDUCACIÓN ESCOLAR DE PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Débora da Veiga Sant'Ana Brochado[1]
Luis Fernando Lopes[2]
Patricia Tarniowicz[3]

RESUMO
Este estudo de caráter bibliográfico e documental teve como objetivo refletir sobre o uso da música no processo de escolarização de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A problemática parte da consideração de que a música, por ser rica em estímulos sensoriais, envolvendo elementos como: ritmo, melodia, harmonia e timbre, poderá ser adaptada de acordo com as sensibilidades individuais das pessoas com TEA, proporcionando experiências enriquecedoras. Os aportes teóricos consideram sobretudo as contribuições de Chiarei (2005), Silva e Silva (2018), Steinbrenner; Hume; Odom; Morin; Nowell; Tomaszewski; Szendrey; Mcintyre; Yücesoy-Özkan & Savage (2020), Louro (2015), Zimmer; Rodrigues e Defreitas (2018), *American Psychiatric Association* (2014), e ainda da BNCC (2018). Os resultados apontam que o uso da música na educação escolar de pessoas com TEA é uma prática que oferece possibilidades diferenciadas para o desenvolvimento integral desses indivíduos. No entanto, é fundamental que essa abordagem seja fundamentada na compreensão profunda das necessidades individuais e da atenção dos alunos, e ainda na experiência de profissionais preparados para o uso dessas práticas.
PALAVRAS-CHAVE: música; autismo; escolarização.

ABSTRACT
This bibliographic and documentary study aimed to reflect on the use of music in the schooling process of people with Autism Spectrum Disorder (ASD). The problem arises from the consideration that music, as it is rich in sensory stimuli, involving elements such as: rhythm, melody, harmony, and timbre, can be adapted according to the individual sensibilities of people with ASD, providing enriching experiences. The theoretical contributions mainly consider the contributions of Chiareli (2005), Silva e Silva (2018), Steinbrenner; Hum and; The gift; Morin; Nowell; Tomaszewski; Szendrey; Mcintyre; Yücesoy-Özkan & Savage (2020), Louro (2015), Zimmer; Rodrigues and Defreitas (2018), American Psychiatric Association (2014), and also the BNCC (2018). The results indicate that the use of music in school education for people with ASD is a practice that offers different possibilities for the integral development of these individuals. However, it is essential that this approach is based on a deep understanding of the individual needs and attention of students, and on the experience of professionals prepared to use these practices.
KEYWORDS: music; autism; schooling.

RESUMEN
Este estudio bibliográfico y documental tuvo como objetivo reflexionar sobre el uso de la música en el proceso escolar de personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA). El problema surge de la consideración de que la música, al ser rica en estímulos sensoriales, involucrando elementos como: ritmo, melodía, armonía y timbre, puede adaptarse de acuerdo a las sensibilidades individuales de las personas con TEA, brindando experiencias enriquecedoras. Los aportes teóricos consideran principalmente los aportes de Chiareli (2005), Silva e Silva (2018), Steinbrenner; Hum y; El don; Morín; Bueno; Tomaszewski; Szendrey; McIntyre; Yücesoy-Özkan &

[1] Mestranda em Educação em Novas Tecnologias pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: deboraveigapos@gmail.com
[2] Doutor em Educação. Professor do PPGENT UNINTER. E-mail: fernandocater@gmail.com
[3] Mestranda em Educação e Novas Tecnologias pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: patriciatar@hotmail.com

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

Savage (2020), Louro (2015), Zimmer; Rodrigues y Defreitas (2018), Asociación Estadounidense de Psiquiatría (2014) y también BNCC (2018). Los resultados indican que el uso de la música en la educación escolar de personas con TEA es una práctica que ofrece diferentes posibilidades para el desarrollo integral de estos individuos. Sin embargo, es fundamental que este enfoque se base en una comprensión profunda de las necesidades y atención individuales de los estudiantes, y también en la experiencia de profesionales preparados para utilizar estas prácticas.
PALABRAS CLAVE: música; autismo; enseñanza.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O emprego da música no contexto do processo de educação de indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) configura-se como uma temática de significativa relevância, uma vez que destaca o potencial da música enquanto uma ferramenta pedagógica e terapêutica de considerável eficácia para abordar as demandas educacionais e de desenvolvimento específicas desses sujeitos. Convém ressaltar que muitos indivíduos com TEA enfrentam desafios substanciais no que tange à comunicação verbal.

Diante desses desafios, a música apresenta-se como uma alternativa viável para a expressão, proporcionando-lhes a capacidade de comunicar-se, compartilhar experiências emocionais e interagir com outros através da linguagem musical. É imperativo acrescentar que a música transcende as limitações impostas pela linguagem verbal, oferecendo, desse modo, um meio de comunicação mais acessível e inclusivo.

Nesse sentido, este estudo procura refletir sobre o uso da música no processo de escolarização de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando o pressuposto de que a música por ser rica em estímulos sensoriais, poderá ser adaptada às sensibilidades individuais das pessoas com TEA e proporcionar experiências enriquecedoras. Assim, uma vez que a música é intrinsecamente rica em estímulos, englobando elementos como ritmo, melodia, harmonia e timbre, sua adaptação às sensibilidades individuais dos sujeitos com TEA é possível, resultando em experiências enriquecedoras. Tal adaptação revela-se particularmente benéfica para indivíduos que apresentam hipersensibilidade ou hipossensibilidade sensorial, auxiliando na regulação de suas respostas sensoriais.

AUTISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O termo autismo é “proveniente do grego “autos” que significa “voltar-se para si mesmo”, pois se refere a pouca interação da pessoa com as outras, um isolamento sobre si mesmo ou, em outras palavras, uma dificuldade da pessoa no contato com o mundo exterior.

(Barreto, 2021, p. 30). Depois de trinta anos aproximadamente o termo Autismo Infantil foi criado como uma categoria diagnóstica à comunidade médica, as primeiras publicações que descreveram de forma sistematizada essas características ou sintomas foram os estudos de Leo Kanner em 1943 e Hans Asperger em 1944 (Leboyer,1995).

> Os pais dizem que eles querem ser autônomos, que se recolhem, que estão contentes quando são deixados sozinhos, que agem como se as pessoas que os rodeiam não estivessem, que dão a impressão de sabedoria silenciosa. As histórias clínicas indicam que há, invariavelmente, desde o começo, uma extrema inclinação à solidão autista, afastando tudo o que do entorno tenta se aproximar deles (Kanner, 1966, p. 720).

A literatura acadêmica que abrange o espectro do autismo, desde o ano de 1943 até a adoção do décimo Código Internacional de Doenças (CID-10), tem identificado características comuns, ao mesmo tempo que enfatiza as variações individuais tanto em termos de intensidade quanto de manifestação (Chiote, 2023). Ao longo da construção histórica do autismo, muitos estudos e movimentos deram visibilidade ao tema, em 1944 Hans Asperger, pesquisador pioneiro em pesquisas sobre o autismo passou a estudar 200 famílias de pais de autistas, ele as acompanhou pelo período de dez anos, apesar da sua pesquisa ser perdida durante a guerra, ele concluiu que o autismo estava possivelmente ligado a genética, pelo fato de ter encontrado traços incomuns nos pais ou em alguns parentes das crianças (Fadda; Cury, 2016).

Apesar de ter sido descrita por Asperger em 1944, fora somente em 1994 que a Síndrome de Asperger passou a fazer parte das nomenclaturas do DSM-IV com critérios para diagnósticos (Mello, 2007). Em meados da década dos anos 1950, sob o olhar de uma visão psicanalística, houve a tentativa de associar o autismo com supostas falhas no relacionamento familiar, em especial entre mãe e filho, causado pelo distanciamento emocional, ou seja, hipótese da “mãe geladeira”, criada por Leo Kanner (Leon, 2020).

Entretanto, nos anos 1960 os crescentes estudos apontavam para a compreensão de que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais (Barreto, 2021). Acrescenta-se de acordo com Bandin (2010, p. 25) que estudos sobre fatores etiológicos do autismo têm corroborado a sua natureza neurobiológica.

De acordo com Schmidt (2012), a história de Temple Grandin, diagnosticada com Síndrome de Asperger em 1965, repercutiu muito com a criação da “Máquina do Abraço”, tratava-se de um aparelho que simulava um abraço e acalmava pessoas com autismo, Temple

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

Grandin tornou-se palestrante e ministrava pelo mundo todo a importância de ajudar crianças com autismo a desenvolver suas potencialidades

> O dispositivo foi concebido, projetado e desenvolvido por Temple em 1965 para aliviar a ansiedade e tensão em pessoas com hipersensibilidade, especialmente pessoas com autismo. Conforme sua criadora, a máquina do abraço visava simular a sensação física de um abraço, limitando o espaço e pressionando o corpo para gerar uma sensação de bem-estar e tranquilidade (Schmidt, 2012, p. 187).

Outro fato marcante para a história do autismo ocorreu em 1981, quando a psiquiatra Lorna Wing, mãe de uma criança autista, desenvolve o conceito de autismo como um espectro e cria o termo Síndrome de Asperger, em referência à Hans Asperger. Seu trabalho repercutiu pelo mundo todo. Ela defendeu uma melhor compreensão e serviços para indivíduos com TEA e suas famílias. Fundou a *National Autistic Society,* juntamente com Judith Gold, e o Centro Lorna Wing. Assim, os marcos do progresso dos estudos e conquistas do tema seguiram tomando cada vez mais notoriedade, boa parte da popularização do termo deve-se ao fato do aumento da quantidade de pesquisadores e profissionais que vem se dedicando ao tema ao longo da história.

Em 1994 a Síndrome de Asperger passa a fazer parte do DSM IV (Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), ampliando o espectro do autismo, considerando dessa forma os casos mais leves, em que os indivíduos tendem a ser mais funcionais. Nesse sentido, a síndrome de Asperger é um estado do Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracterizado por dificuldades significativas na interação social e na comunicação, além de padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos. Assim, a síndrome de Asperger é um estado do transtorno do espectro autista que afeta a interação social, a comunicação e o comportamento. As pessoas com síndrome de Asperger geralmente apresentam inteligência normal ou acima da média, mas podem ter dificuldade em compreender e responder a pistas sociais, iniciar ou manter conversas e se interessar por tópicos específicos ou atividades de forma obsessiva. Em 2013 *O DSM-5* contempla todas as subcategorias do autismo, inclusive a Síndrome de Asperger, em um único diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA), o diagnóstico se concentra em um espectro, porém com variabilidade dos diferentes níveis de gravidade (American Psychiatric Association, 2014).

Em 2014, estudos realizados sobre as causas do autismo revelaram que os fatores ambientais são tão importantes quanto a genética para o desenvolvimento do transtorno. Isto

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

contrariou estimativas anteriores, que atribuíam à genética de 80% a 90% do risco do desenvolvimento de TEA. Foram acompanhadas mais de 2 milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, com avaliação de fatores como complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez (Fundação José Luiz Egydio Setúbal, 2020).

E agora em 2022, a nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID 11, segue o que foi proposto no DSM-V, e passa a adotar a nomenclatura Transtorno do Espectro do Autismo para englobar todos os diagnósticos anteriormente classificados como Transtorno Global do Desenvolvimento.

Apesar de ser muito importante a dimensão orgânica que envolve o autismo, é fundamental considerar os aspectos culturais, subjetivos e políticos que o permeiam. Segundo Roy Richard Grinker (2010, p. 22) "[...] o autismo - como todos os distúrbios - não existe fora da cultura. É a cultura que identifica algo como anormal ou errado, lhe dá um nome e toma alguma atitude, e cada cultura reage de forma diferente".

Assim, Grinker (2010) destaca a perspectiva cultural do autismo como um distúrbio. Ela enfatiza que a concepção do que é considerado "autismo" não é uma entidade objetiva e universal, mas sim uma construção cultural. Evidencia a complexidade da relação entre o autismo e a cultura, pois, nossa compreensão sobre ele é moldada pelas lentes culturais e sociais, uma vez que abordagens e atitudes em relação ao TEA podem mudar ao longo do tempo e em diferentes partes do mundo.

Como se pode notar, buscar definir o autismo e identificar os critérios para o diagnóstico são tarefas complexas, pois o transtorno se manifesta de diferentes formas em cada pessoa. Segundo Leon (2016) quem tem TEA apresenta uma mente diferenciada, uma forma distinta de compreensão e de aprendizagem.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais DSM-5 (Steinbrenner *et al*., 2020). A etiologia do autismo é heterogênea, multifatorial e com indicações de uma forte e complexa influência genética (Abrahams; Geschwind, 2010). Assim, essas alterações genéticas acabam afetando o cérebro na sua estrutura e funcionamento. Esse formato diferenciado de cérebro acaba fazendo com que o sujeito tenha formas diferenciadas de aprendizagem e explicando os sintomas comportamentais que o acompanha.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

Dentre os sintomas que o TEA apresenta, temos como principais características déficit na reciprocidade emocional, a aproximação social é anormal, apresentando prejuízos no engajamento de conversação, uma vez que sinaliza reduzido compartilhamento de interesses apresentando alterações no contato visual, na linguagem corporal e na falta de compreensão do uso da comunicação não verbal. Desde muito pequeno apresenta prejuízos em formar e manter relações (Leon, 2016).

Outro sintoma que se destaca no espectro do autismo em diferentes graus de comprometimento são os padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, podendo ser identificado na fala e nos comportamentos estereotipados, ecolalias, excessivo apego a objetos, rotinas, padrões de comportamento verbal ou não verbal muito rígidos além de baixa tolerância a mudanças. O espectro do autismo também sinaliza o hiperfoco, ou seja, interesses altamente restritos e fixos e os transtornos de processamento sensorial, podendo o sujeito apresentar uma hipersensibilidadel ou uma hiposensibilidade (DSM 5, 2022), impactando diretamente na qualidade de vida, e ainda, na aquisição de diversas habilidades, como por exemplo, aprendizagem acadêmica e cotidiana, autocuidado, independência e adequação social. É considerado espectro em razão da diversidade de sintomas e níveis que se apresenta. Cada indivíduo com autismo tem seu próprio conjunto de manifestações, tornando-o único dentro do espectro.

De acordo com a *American Psychiatric Association* (2014, p. 52), a classificação do TEA é organizada em três níveis de apoio: no nível um a pessoa necessita de apoio, mesmo com dificuldades, pode não possuir problemas cognitivos e sensoriais; no nível dois a pessoa precisa de apoio substancial, apresenta dificuldade em se comunicar e interagir, e geralmente apresenta transtornos sensoriais e na linguagem; já no nível três, a pessoa demanda de apoio muito substancial, pois apresenta rigidez no comportamento, déficits cognitivos, transtornos sensoriais e de linguagem aumentados.

Assim, de modo geral, o transtorno do espectro do autismo (TEA) pode ser categorizado em três níveis diferentes, sendo os principais classificados para tal categorização fundamentada no grau de comprometimento manifestado em relação à dependência. Essa dependência pode variar desde uma autonomia limitada até uma dependência completa de assistência fornecida por terceiros ou profissionais especializados. Nesse sentido, é possível afirmar que o TEA se divide em três diferentes níveis ou graus de funcionamento.

Ressalta-se que a pessoa pode transitar entre os níveis a depender dos avanços ou retrocessos no processo de desenvolvimento. Por se tratar de um transtorno do

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

neurodesenvolvimento, a formatação cognitiva de cada indivíduo acometido pelo transtorno é peculiar, e essas alterações podem influenciar na rigidez da rotina, na sensibilidade sensorial e na forma de aprender, tudo isso depende principalmente do nível de desenvolvimento e gravidade da condição.

> Algumas características comuns em pessoas com TEA são falta de contato visual, isolamento social, atraso no desenvolvimento da fala, dificuldades de interagir em grupo, resistência a mudança de rotina e ambiente, movimentos estereotipados, problemas em brincar de faz de conta, atenção demasiada em detalhes, distração e hiperatividade (Silva; Silva, 2018).

A pessoa com TEA pode apresentar comorbidades associadas, ou seja, a presença de dois ou mais transtornos. Dentre as principais comorbidades associadas ao TEA, incluem-se condições como epilepsia, deficiência intelectual, distúrbios de humor com propensão à depressão, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade com manifestações de medo, fobias específicas a objetos ou situações graves, distúrbios do sono, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), tiques e Síndrome de Tourette. É importante observar que, apesar das dificuldades, os indivíduos com TEA também podem demonstrar habilidades notáveis. Portanto, enfatiza-se a relevância de implementar práticas que estimulem seu desenvolvimento integral.

Segundo Piaget (2013), a inteligência tem um poder adaptativo e existe na ação do indivíduo; a inteligência estabelece um equilíbrio para as adaptações que ocorrem, de ordem sensório-motora, e cognitivas, que podem ser assimiladas entre o organismo e o meio. Já para Gardner (1995), os seres humanos possuem inteligências múltiplas, algumas já de nascença em razão da genética, e outras podem ser desenvolvidas a partir das experiências que o sujeito vivencia com os estímulos do ambiente, contribuindo para o seu desenvolvimento. Com isso a inteligência se define como uma habilidade cognitiva que consiste na capacidade de compreender, pensar, entender, escolher as melhores decisões e buscar soluções para os desafios diários. Trata-se da capacidade mental para responder aos estímulos do ambiente, compreendendo e se adaptando às novas situações que surgem diariamente. O sujeito com TEA possui prejuízos em determinadas áreas, porém em outras pode apresentar muitas habilidades e estas podem ser desenvolvidas ainda mais a partir das intervenções.

Goleman (2011) destaca que a autorregulação se desenvolve a partir da infância e está entrelaçada com o crescimento emocional, por meio do conhecimento e do desenvolvimento e maturação biológica do cérebro. Entretanto, é preciso salientar que o sujeito com TEA não

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

tem compreensão de suas emoções e expressões, o que acaba contribuindo para apresentar comportamentos repetitivos e impulsivos, por isso é tão importante ensinar as habilidades emocionais.

A partir dessa breve revisão bibliográfica, nota-se que vários estudo apontam para a importância de se fazer as intervenções a partir das potencialidades do sujeito com TEA, promovendo o desenvolvimento de suas habilidades e oportunizando dessa forma sua autonomia, a redução dos déficits sociais nas atividades diárias e o desenvolvimento das formas de expressão e comunicação. Vale lembrar que o sujeito com TEA é capaz de aprender e se desenvolver. Muitas barreiras podem e devem ser derrubadas, para isso é essencial o engajamento de todos no contexto desse sujeito e intervenções diversificadas, como por exemplo, a música.

A MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR

A música está presente em quase todos os lugares, faz parte do cotidiano do ser humano, mesmo antes de nascer, apreciada pela maioria das pessoas, ouvindo ou cantando sempre se faz presente, e no ambiente escolar não é diferente. O acesso a música e as manifestações musicais ocorrem antes do estudante ir para a escola, mas não se pode negar que a música permeia o universo escolar.

Nas escolas de educação básica, a música se tornou conteúdo obrigatório de ensino a partir da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, destacando-se a necessidade da educação musical desde a primeira infância para contribuir na formação integral humana, estimulando as capacidades intelectuais e artísticas de forma integrada (Brasil, 2008). Contudo, ainda que essa política tenha tornado o ensino de música obrigatório nas escolas brasileiras, muitos desafios precisam ser superados para que tal ensino seja concretizado. Entre os principais desafios está a necessidade de oferecer uma formação docente apropriada para da conta da obrigatoriedade legal do ensino de música.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) a música é entendida como um componente curricular da área de Linguagens. Na Educação Infantil a música está contemplada nos campos de experiência, traços, sons, cores e formas, com o objetivo de oportunizar experiências de produção, manifestação e apreciação artística, que contribuam para as crianças desenvolverem desde muito cedo o senso estético e crítico, o conhecimento de si, dos outros e da realidade que as cerca, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

da criatividade e da expressão pessoal, potencializando suas singularidades e ampliando repertórios culturais.

Assim, de acordo com BNCC:

> Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras (Brasil, 2018, p. 41).

No Ensino Fundamental tanto nos anos iniciais quanto finais a música é um componente curricular da área de Linguagens tendo como finalidade possibilitar aos estudantes a participação em práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil e no caso dos anos finais, continuidade às experiências vividas nos anos iniciais do ensino fundamental.

Isso se confirma na seguinte citação da BNCC:

> [...] ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar (Brasil, 2018, p. 57-58).

O trabalho com música no contexto educacional, além de favorecer a livre expressão, possibilita suscitar diferentes culturas, resgatando e ampliando o conhecimento cultural dos diferentes grupos sociais. Valorizando o protagonismo do estudante e oportunizando o aprimoramento do saber estético, a partir da sensibilidade, do conhecimento do que é arte e saber apreciar o diferente. É no contexto educacional que se encontra uma das oportunidades diferenciadas para se ampliar o conhecimento sobre as diferentes culturas por meio da música, e desta forma, desenvolver o gosto e a curiosidade para ampliar esses saberes.

Nesse sentido o componente curricular Arte, no Ensino Fundamental, está centrado nas seguintes linguagens articuladas: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro.

> O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania já que propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (Brasil, 2018, p. 193).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

São vários os benefícios que a música pode proporcionar no processo de aprendizagem. Por meio dela é possível, por exemplo, ampliar o repertório de vocabulário, desenvolver habilidades cognitivas, o raciocínio lógico, a criatividade, a comunicação, a expressão de ideias, sentimentos e sensações; a memorização, e ainda, habilidades socioemocionais proporcionando a expressão de sentimentos e aliviando as tensões do dia a dia da rotina escolar.

MÚSICA NA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA

No âmbito educacional, a integração da música no contexto escolar de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) precisa ser concebida como uma estratégia de educação musical inclusiva. Nesse contexto, é imperativo que se estabeleça um ambiente no qual todos os participantes sejam respeitados em relação às suas singularidades individuais. Essa abordagem propicia uma compreensão e reconhecimento mútuo entre os envolvidos, promovendo, assim, uma coexistência pacífica e a partilha de experiências no contexto escolar.

A música envolve processos cognitivos complexos, como memória, atenção e resolução de problemas. Nesta perspectiva, a participação em atividades musicais poderá estimular o desenvolvimento cognitivo, auxiliando no aprimoramento de habilidades como a concentração, o raciocínio lógico e a memória de curto e longo prazo. A música pode ainda servir como um veículo para a integração social de pessoas com TEA.

Pensar em práticas inclusivas nos faz refletir sobre "[...] uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência [...], mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral" (Mantoan, 2003, p. 16). Dessa forma a inclusão só pode ser efetiva se todos os envolvidos estiverem dispostos a contribuir com esse processo.

Dentro dessa perspectiva, é fundamental abordar com minuciosa atenção um dos aspectos cruciais, que consiste na avaliação da resposta do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) aos estímulos sonoros. Isso se deve ao fato de que muitos indivíduos com TEA apresentam uma hipersensibilidade aos estímulos auditivos, podendo, portanto, não reagir de maneira favorável a tais estímulos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

Segundo Silva e Silva (2018), grande parte das crianças com autismo reage positivamente a música, porém, algumas pessoas com transtorno do espectro autista possuem uma audição extremamente sensível, desta maneira, alguns sons podem causar desconfortos e irritabilidade. Por isso é fundamental conhecer os estudantes e suas singularidades, pois como cada pessoa com autismo tem características diferenciadas, as reações em relação a algumas atividades também serão diferentes. Contudo, a partir de "[...] experiências vividas no dia a dia com crianças com TEA, percebe-se que a música pode transformá-los de alguma maneira, cada um do seu jeito respeitando seu grau de compreensão" (Silva; Silva, 2018, p. 4).

Desta maneira, as abordagens relacionadas à música podem representar uma contribuição valiosa para os estudantes que apresentam o Transtorno do Espectro Autista. No entanto, é essencial destacar que, para a efetivação de uma educação musical inclusiva, deve-se priorizar a adoção de uma perspectiva sensível, que compreenda e atenda de maneira cuidadosa às necessidades individuais de cada aluno.

Conforme sugerem alguns estudos, como os de Louro (2015), Souza *et al*. (2017), Rodrigues, (2011) e Crepaldi e Baumer (2019), o uso da música na educação escolar de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ter efeitos positivos. De maneira geral, esses estudos indicam que a música pode ser uma ferramenta valiosa para a inclusão educacional e o desenvolvimento integral de indivíduos com TEA em ambientes escolares.

Rodrigues (2011) centra-se na influência da aprendizagem musical no desenvolvimento global de adolescentes com TEA, especificamente num ambiente de grupo de violoncelo. Crepaldi e Baumer (2019) consideram que a musicalidade, de maneira intrínseca, exerce um estímulo sobre o aluno com TEA, conferindo-lhe momentos de gratificação que transformam ações aparentemente simples em estímulos de natureza significativos para o seu processo de desenvolvimento.

Louro (2015) discute a inclusão de indivíduos com TEA em ambientes de educação musical, destacando ações pedagógicas específicas e os benefícios da música na melhoria de sua qualidade de vida e desenvolvimento intelectual. Souza et al (2017) investigaram o os efeitos de um ateliê musical como formador de laço entre crianças autistas e seus semelhantes. Para esses autores, a linguagem musical pode auxiliar no estabelecimento de vínculos entre crianças autistas e seus semelhantes, pose se trata de uma linguagem não ameaçadora e intrusiva.

Já Zimmer, Rodrigues e Defreitas (2018) analisaram a produção acadêmica referente à educação musical e ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto das revistas

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

brasileiras específicas com Qualis A1 na área de Artes/Música, conforme avaliação de 2014. O período de análise considerou o intervalo de 2006 a 2016. Os autores identificaram um total de 3.844 artigos publicados nas revistas selecionadas dentro do período especificado. Desse corpus, apenas 16 artigos foram considerados relevantes à temática em questão, demonstrando uma seletividade na produção acadêmica sobre o tema.

Ainda de acordo com o estudo de Zimmer, Rodrigues e Defreitas (2018) a região geográfica Norte do Brasil destaca-se como a mais prolificamente estudada em relação à interseção entre educação musical e TEA, diminuindo uma possível ênfase nessa região no que diz respeito a pesquisas nesse campo. Além disso, os pesquisadores ressaltaram a importância do perfil dos professores e monitores envolvidos no processo de ensino, sublinhando a necessidade de suporte adequado a esses profissionais para melhorar o aprendizado de estudantes com TEA.

Os achados de Zimmer, Rodrigues e Defreitas (2018) também destacaram a relevância de compreender de forma aprofundada o transtorno em si, bem como o perfil do educando com TEA, a fim de fornecer adaptações curriculares e práticas pedagógicas mais eficazes. Observa-se a importância do envolvimento e acompanhamento ativo dos pais no processo educacional, além da necessidade de conscientização dos colegas de classe quanto à inclusão de alunos com TEA. Em relação aos métodos de ensino, os artigos analisados identificam o uso de estratégias como a reprodução, o reforço contingente, dicas visuais e verbais como elementos-chave para facilitar o aprendizado de estudantes com TEA.

Além disso, enfatiza-se a importância de desenvolver atividades que estejam homologadas com as diferentes fases do desenvolvimento humano e musical desses estudantes. Os autores também destacaram na análise dos artigos as possibilidades de aplicação de diversos métodos pedagógicos, incluindo o método Kodály, Orff, Suzuki, String Project, Dalcroze e Willems, como abordagens promissoras no contexto da educação musical para estudantes com TEA. Entretanto, não obstante as estratégias promissoras indicadas, os pesquisadores destacaram a necessidade de atualização de recursos online relacionados ao tema, bem como a importância de aprofundar as investigações acadêmicas nessa área, a fim de melhor atender às necessidades educacionais de indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista (Zimmer; Rodrigues; Defreitas, 2018).

Segundo Heckler e Baumer (2021), a música apresenta uma série de benefícios para os educandos divulgados com TEA. Entre esses benefícios destacam-se o estímulo à criatividade, o aprimoramento da memória, o aumento da capacidade de concentração, o

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

desenvolvimento do raciocínio, o fomento do pensamento lógico, a melhoria da evolução motora, o estímulo à comunicação e a facilitação da socialização. Contudo, é fundamental que sejam tomados cuidados especiais ao trabalhar com música no contexto educacional de indivíduos com TEA, em virtude da sensibilidade auditiva que frequentemente caracteriza esse grupo de crianças.

Apesar dos desafios associados à sensibilidade auditiva, a incorporação da música nas atividades educacionais pode representar um recurso altamente benéfico para a inclusão de alunos com autismo. Isso se deve ao fato de que a música pode desempenhar um papel fundamental na melhoria da comunicação e na facilitação da interação social desses estudantes. Aperfeiçoando, desse modo, o relacionamento entre o aluno com TEA e todos os membros da comunidade escolar (Heckler e Baumer, 2021).

Ainda de acordo com Heckler e Baumer (2021), além dos benefícios relacionados à comunicação e socialização, a introdução da música no ambiente educacional também pode repercutir positivamente no processo de ensino e aprendizagem. Isso ocorre, em parte, devido à capacidade da música de envolver e motivar os alunos, tornando o processo de aprendizagem mais envolvente e eficaz. Em última análise, ao fornecer uma abordagem mais inclusiva e integral, a música pode desempenhar um papel fundamental na plena integração de alunos com TEA na dinâmica da sala de aula e na experiência educacional de forma mais ampla.

> Com relação às possibilidades de o pedagogo levar atividades musicais para a sala de aula, é perceptível que além de possível é essencial. Os benefícios já mencionados neste artigo com relação às atividades com música podem ser alcançados a partir de propostas simples, que envolvam canções, ritmos e movimentos. Não exigindo nenhuma formação musical para realizá-las. É importante salientar que alguns autistas têm a audição sensível, e algumas atividades precisam de adaptações. Como por exemplo, utilizar sons com o volume mais baixo e instrumentos que façam menos barulho. No entanto, ao realizar alguns ajustes, trabalhar com a música é uma ótima alternativa para auxiliar no processo de ensino (Heckler; Baumer, 2021, p. 81).

Nessa perspectiva, no contexto educacional, a música pode desempenhar diversos papéis construtivos, entre os quais, ser utilizada como uma ferramenta de comunicação alternativa e ampliada (CAA), permitindo que os indivíduos com TEA expressem suas emoções, pensamentos e sentimentos de forma não verbal, facilitando assim a comunicação e a interação social.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

Além disso, a música precisa ser empregada como uma estratégia para promover o desenvolvimento das habilidades motoras, sensoriais e cognitivas, auxiliando no alcance de metas terapêuticas e educacionais específicas. A música é ainda, uma ponte para a socialização e a integração dos alunos com TEA em contextos escolares inclusivos. Atividades musicais em grupo, como corais ou conjuntos, promovem a colaboração, a união grupal e o senso de pertencimento, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da música na educação escolar de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma estratégia pedagógica relevante, cuja eficácia tem sido exclusivamente selecionada na literatura científica. A música, em virtude de suas características intrínsecas, tais como a universalidade da linguagem musical, a presença de elementos rítmicos e melódicos, e a capacidade de evocar respostas emocionais, apresenta-se como uma ferramenta versátil e inclusiva para atender às necessidades educacionais desses alunos.

A abordagem musical na educação de pessoas com TEA precisa ser altamente individualizada, levando em consideração as singularidades, preferências musicais, sensibilidades sensoriais e metas educacionais de cada aluno. É crucial que os educadores e terapeutas da música estejam devidamente preparados para adaptar as práticas musicais de acordo com as necessidades específicas de cada aluno, proporcionando um ambiente inclusivo e acolhedor.

Assim, o uso da música na educação escolar de pessoas com TEA é uma prática que oferece inúmeras possibilidades para o desenvolvimento integral desses indivíduos. No entanto, é fundamental que essa abordagem seja fundamentada em uma compreensão profunda das necessidades individuais e da atenção dos alunos, bem como na expertise de profissionais capacitados, a fim de garantir a eficácia e o impacto positivo dessa estratégia educacional.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. **Manual Diagnóstico E Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BANDIN, J. M. **Autismo**: uma abordagem prática. Recife: Bagaço, 2010

BARRETO, M. I. de C. **Emergências no processo de interação da criança com transtorno do Espectro Autista**: um estudo de caso em Salvador/Bahia. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33179/1/Tese%20de%20Doutorado.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 set. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm. Acesso em: 09 out. 2023.

CHIARELLI, L. K. M.; BARRETO, S. de J. A importância da musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Revista Recrearte**, n. 3, jun. 2005. Disponível em: http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm. Acesso em: 17 set. 2023.

CHIOTE, F. de A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil**: trabalhando a mediação pedagógica. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.

CREPALDI, J.; BAUMER, É. R. Inclusão do Autista da Educação Infantil. **Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 3, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/4566. Acesso em: 22 set. 2023.

FADDA, G. M. CURY, V. E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 3, p. 411-423, jul./set. 2016. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287148579006. Acesso em: 30 set. 203.

FERREIRA, C. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**: desafios e transformações diante do atual cenário de expressiva incidência escolar. TCC Licenciatura em Educação Especial. Santa Maria, RS: UFSM, 2023.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.	
Recebido em: 09/10/2023	Aceito em: 26/03/2024

FUNDAÇÃO JOSÉ LUIZ EGYDIO SETÚBAL. **Autismo e realidade**. São Paulo, 2020. Disponível em: https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/. Acesso em: 29 set. 2023.

GARDENR, H. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GRINKER, R. R. **Autismo**: um mundo obscuro e conturbado. São Paulo: Larrouse do Brasil, 2010.

HECKLER, A. P. G.; BAUMER, É. R. Os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças com autismo no ambiente escolar. **Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 5, n. 2, maio/ago. 2021. Disponível em: https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/6810/5828. Acesso em: 22 set. 2023.

KANNER, L. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Editorial Psique & Editorial Paidós, 1966.

LEBOYER, M. **Autismo infantil**: fatos e modelos. São Paulo: Papirus, 1995.

LEON, V. C. de. **Autismo**: como transtorno do implícito e seus possíveis desdobramentos terapêuticos/organização. Curitiba: Editora Polis Civitas, 2020.

LEON, V. C. de. **Práticas baseadas em experiências para aplicação do TEACCH nos Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2016.

LOURO, V. dos S. Ações pedagógicas para inclusão de aluno com Transtorno do Espectro Autista numa escola de música de São Paulo: relato de caso. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 138-157, 2015. DOI: 10.5965/198431781022014138. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/5155. Acesso em: 22 set. 2023.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: o que é? por quê? como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: http://www.epsinfo.com.br/INCLUSAO-ESCOLAR.pdf. Acesso em: 20 set. 2023

MELLO, A. M. S. R. **Autismo**: guia prático. 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível: https://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/Cartilha8aedio.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

PIAGET, J. **A psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PIMENTEL, G. Transtorno do Espectro do Autismo: Considerações sobre o diagnóstico / Autism Spectrum Disorder: Diagnostic Considerations. ID on line. **Revista de Psicologia**, v. 13, n. 47, p. 234-251, out. 2019. ISSN 1981-1179. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1983/3126. Acesso em: 4 out. 2023.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024

RODRIGUES, J. **Desenvolvimento global do adolescente com diagnóstico de transtorno autista inserido em turma de educação musical para crianças e adolescentes com e sem o transtorno**: um estudo de caso. 2011. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Departamento de Psicologia, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

SCHMIDT, C. Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 2, p. 179-194, abr. 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000200002.

SILVA, C. R. S. da; SILVA, Jorge Cézar da. **Música e autismo – um encontro perfeito**: Musicalização e Expressão corporal em uma Escola de Educação Especial. 2018. Disponível em: http://www.fpa.art.br/ojs/index.php/teste/article/view/79/70. Acesso em: 19 set. 2023.

SOUZA, M. B. *et al*. Da vibração ao encontro com o outro: psicanálise, música e autismo. **Estilos da Clínica**, v. 22, n. 2, p. 299-318, 2017. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v22i2p299-318. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/125708. Acesso em: 22 set. 2023.

STEINBRENNER, J. R. *et al*. **Prácticas Basadas en Evidencia para niños, niñas, jóvenes y adultos jóvenes con Autismo**. Frank Porter Graham Child Development Institute, National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice Review Team, 2020. Disponível em: https://ncaep.fpg.unc.edu/sites/ncaep.fpg.unc.edu/files/resources/2020%20NCAEP%20EBP%20Report%20-%20Spanish.pdf. Acesso em: 14 set. 2023.

ZIMMER, P. N.; RODRIGUES, J. C.; DEFREITAS, A. D. Educação musical e transtorno do espectro autista: análise da produção em revistas brasileiras de Artes/Música Qualis A1 e seus anais de eventos regionais e nacionais (2006-2016). **Revista da Abem**, v. 26, n. 40, p. 149-166, jan./jun. 2018. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/760. Acesso em: 22 set. 2023.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.
Recebido em: 09/10/2023 | Aceito em: 26/03/2024